

Laboratórios de Mudança mirando o futuro

Há uma necessidade crescente das ciências sociais para explorar novas metodologias e métodos de pesquisa intervencionista. A metodologia de intervenções formativas, implementada na forma de Laboratórios de Mudança, “representa talvez o programa mais notável da pesquisa de intervenção contemporânea” (Penuel, Cole e O'Neill, 2016). Scaratti e co-autores (2017) apontam que os Laboratórios de Mudança oferecem um exemplo de “como uma teoria robusta pode melhorar e moldar uma metodologia de intervenção para desenvolver a construção do conhecimento dinâmico de possibilidades”. Greeno (2016) conclui que novas análises de intervenções do Laboratório de Mudança “proporcionariam, de fato, um avanço significativo na compreensão da área de aprendizagem e desenvolvimento”.

O Laboratório de Mudança é um método de intervenção formativa baseado na teoria da atividade histórico-cultural e na teoria da aprendizagem expansiva (Engeström, Sannino e Virkkunen, 2014; Sannino, Engeström e Lemos, 2016; Sannino e Engeström, 2017; Virkkunen e Newnham, 2013). Comprometido com as lutas pela equidade, justiça social e sustentabilidade, o Laboratório de Mudança foi desenvolvido e implementado pela primeira vez em 1995 na Finlândia. Fundamentado na dialética materialista e na tradição teórica vygotskiana, sua aceitação tem sido difícil e só muito recentemente atingiu o ponto de adoção internacional acelerada. Até agora, os Laboratórios de Mudança foram implementados em instituições educacionais, locais de trabalho e comunidades de cerca de 30 países para gerar soluções de baixo para cima para problemas desafiadores e transformações complexas.

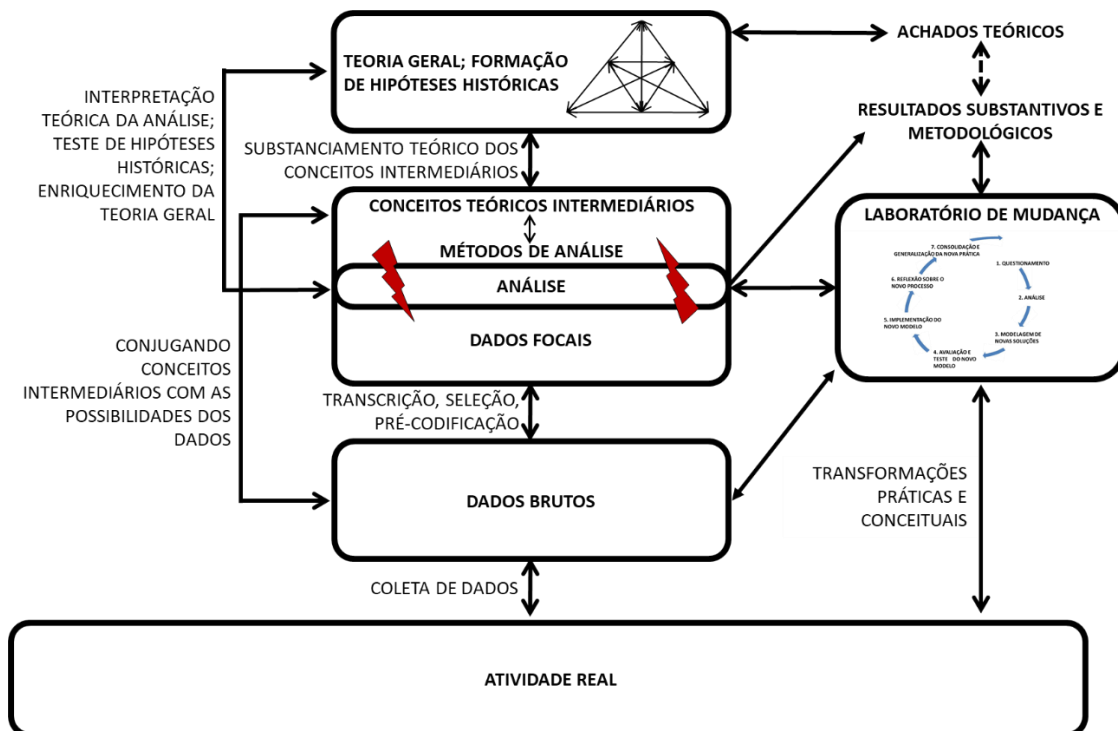
O Laboratório de Mudança oferece quatro importantes contribuições para as ciências sociais. Em primeiro lugar, une esforços ousados de mudança prática com uma rigorosa estruturação teórica de atividades (*the theory-practice contribution*; Sannino e Engeström, 2017). Em segundo lugar, torna acessível e analisável o surgimento e a formação da agência transformadora dos participantes, entendida como a forma de lidar com contradições e conflitos por meio da dupla estimulação (*the agency contribution*; Sannino, Engeström e Lemos, 2016). Em terceiro lugar, o Laboratório de Mudança revela as potencialidades e as condições de aprendizagem, ascendendo do abstrato ao concreto, entendido como construção e uso expansivo de novos conceitos

teóricos (*the research instrument contribution*; Sannino, Engeström e Lemos, 2016). Em quarto lugar, o Laboratório de Mudança oferece uma nova metodologia e um conjunto de ferramentas de métodos de análise de dados para obter ideias sobre processos complexos de transformação (*the research instrument contribution*; Engeström e Sannino, 2019).

Com o objetivo de ampliar a aprendizagem, as intervenções do Laboratório de Mudança colocam em prática os princípios da dupla estimulação (Sannino, 2015) e ascendem do abstrato ao concreto (Engeström e Sannino, 2016), geralmente com uma sequência cuidadosamente planejada de “materiais espelho”, atividades e ações de aprendizagem. Isso não significa que o plano do intervencionista seja facilmente implementado. Pelo contrário, os participantes em intervenções formativas comumente assumem o processo em certo momento e criam desvios das intenções do intervencionista. Esses desvios revelam lacunas entre o objeto do intervencionista e os objetos dos participantes - lacunas que precisam ser negociadas. Os desvios, lacunas e negociações são instâncias importantes do emergente protagonismo transformador dos participantes (Engeström e Sannino, 2012; Engeström, Rantavuori e Kerosuo, 2013).

As sessões presenciais de uma intervenção do Laboratório de Mudança precisam ser vistas no contexto de um projeto de pesquisa formativo mais amplo. Isso pode ser representado na figura 1.

Figura 1. Conceito geral de pesquisa de intervenção formativa



Na figura 1, a pesquisa se move em duas direções, de baixo para cima e de cima para baixo. A análise dos dados focais é o ponto de encontro em que a teoria e os dados se juntam e colidem, como indicado pelas imagens do relâmpago na figura. A colisão é uma fonte de novos desenvolvimentos teóricos e metodológicos.

A caixa no topo da figura 1 indica a formulação de uma hipótese de trabalho historicamente fundamentada a respeito das contradições do sistema de atividade (ou sistemas de atividade) sob investigação. O ícone triangular dentro desta caixa indica que a hipótese de trabalho é produzida com a ajuda da lente conceitual do modelo geral de um sistema de atividade (Engeström, 2015). O andamento da pesquisa também tem uma dimensão lateral. Na figura 1, o Laboratório de Mudança é representado horizontalmente adjacente e reciprocamente conectado à análise de dados focais. Isso significa, por um lado, que partes da análise são conduzidas de forma colaborativa nas sessões do Laboratório de Mudança e, por outro lado, que os instrumentos e os resultados da análise de dados são utilizados nos esforços de concepção no Laboratório de Mudança. O ícone em forma de ciclo na caixa do Laboratório de Mudança indica que a intervenção facilita a realização de um ciclo de aprendizagem expansivo em etapas (Engeström e Sannino, 2010).

A inclusão do Laboratório de Mudança muda a dinâmica do delineamento da pesquisa. As transformações práticas e conceituais produzidas na intervenção são implementadas em atividades concretas, gerando novos dados que alimentam a análise. O processo de pesquisa assume um caráter longitudinal e cíclico, exigindo múltiplas iterações de coleta de dados, análise e interpretação teórica. Por isso, a abordagem também é chamada de pesquisa de desenvolvimento do trabalho (Engeström, 2005).

Observações feitas pelos autores deste livro (resumidas no Capítulo 15) indicam desafios importantes que foram encontrados nas intervenções do Laboratório de Mudança conduzidas até agora. As intervenções precisam ser frequentemente negociadas e alinhadas com as “intervenções” já em curso, alterando os esforços iniciados a partir de dentro (Engeström, Sannino e Lemos, 2016). Algumas vezes as intervenções pararam antes de atingir as fases de implementação e consolidação dos novos modelos criados, o que obviamente é um desafio para a durabilidade e sustentabilidade das novas soluções. Além disso, as intervenções do Laboratório de Mudança têm sido frequentemente conduzidas em um único sistema de atividade limitado ou em uma dupla de sistemas de atividade estreitamente interligados. Isso pode levar ao encapsulamento e, conseqüentemente, à diminuição do impacto (Bal, Afacan e Cakir, 2018). Em alguns Laboratórios de Mudança, o esforço de mudança local de baixo para cima resultou em soluções que entraram em conflito com as práticas, prioridades e constelações de poder nos seus contextos organizacionais maiores, resultando em uma implementação estagnada. Esse fenômeno, apontado por Kerosuo (2006), foi discutido por Blackler (2009). Ele sugeriu que “a teoria da aprendizagem expansiva precisa ser ampliada para ajudar as pessoas a antecipar e gerenciar melhor a complexa dinâmica da mudança organizacional”; assim, “estudos da teoria das atividades de equipes de alta gerência seriam de considerável interesse nesse aspecto”. Taylor (2009) corroborou com essa observação, afirmando que é necessário estudar “como a atividade recria o sistema de atividade maior”.

Os autores deste livro deixam claro que os Laboratórios de Mudança precisam enfrentar esses desafios. Além de ciclos únicos de expansão, ciclos múltiplos sucessivos, paralelos e interligados precisam ser reconstruídos, estimulados e analisados. As intervenções formativas precisam ser cada vez mais distribuídas em múltiplos locais

interconectados em rede ou coalizão de atividades. As intervenções formativas precisam envolver atores e tomadores de decisão de diferentes níveis ou camadas desses campos de atividade. A perspectiva resultante é a pesquisa de intervenção formativa em coalizões de trabalho heterogêneas (Sannino, 2017).

Essa perspectiva metodológica corresponde aos atuais esforços de articulação de uma quarta geração da teoria da atividade histórico-cultural. O foco da quarta geração é o momento crítico da transformação social em direção à sustentabilidade e à equidade. A quarta geração se dedica a decretar utopias ou alternativas ao capitalismo. No capítulo 15, os autores perguntam “se o Laboratório de Mudança tem um futuro em um contexto de capitalismo selvagem que se configura no Brasil e em outros continentes”. Os autores respondem sua própria pergunta salientando que o capitalismo é essencialmente contraditório, instável e em constante mudança. Assim, o futuro “precisa ser cultivado a partir do passado (...), mostrando seu potencial em responder questões que o passado não conseguiu”.

Os autores deste livro, juntamente com os diversos atores de suas intervenções no Laboratório de Mudança, mostram que a pesquisa de intervenção formativa pode se tornar uma força coletiva de expansão que aborda problemas sociais gravíssimos, ultrapassando fronteiras disciplinares, institucionais e culturais, sem perder o rigor metodológico. Dinâmicas semelhantes estão sendo desenvolvidas em outras localidades, particularmente na África do Sul, no grupo de pesquisa de Heila Lotz-Sisitka e colegas (2017). O presente livro pode ser lido como um conjunto de pontas de lança interconectadas movendo-se para a zona de desenvolvimento proximal que chamamos de teoria de atividade de quarta geração e sua metodologia de intervenções formativas.

Yrjö Engeström

Center for Research on Activity, Development and Learning – CRADLE

Universidade de Helsinque, Finlândia

Helsinque, março de 2019

Referências

- Bal A, Afacan K, Cakir HI. Culturally responsive school discipline: Implementing Learning Lab at a high school for systemic transformation. *Am Educ Res J.* 2018;55(5):1007-50. doi:10.3102/0002831218768796
- Blackler F. Cultural-historical activity theory and organization studies. In Sannino A, Daniels H, Gutiérrez KD, editors. *Learning and expanding with activity theory.* Cambridge: Cambridge University Press; 2009. p. 19-39.
- Engeström Y. *Developmental work research: Expanding activity theory in practice.* Berlin: Lehmanns Media; 2005.
- Engeström Y. *Learning by expanding: An activity-theoretical approach to developmental research.* 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press; 2015.
- Engeström Y, Rantavuori J, Kerosuo H. Expansive learning in a library: Actions, cycles and deviations from instructional intentions. *Vocat Learn.* 2013. 6(1):81-106. doi:10.1007/s12186-012-9089-6
- Engeström Y, Sannino A. Studies of expansive learning: Foundations, findings and future challenges. *Educ. Res. Rev.* 2010. 5(1):1-24. doi:10.1016/j.edurev.2009.12.002
- Engeström Y, Sannino A. Whatever happened to process theories of learning? *Learning, Culture and Social Interaction.* 2012. 1(1):45–56. doi:10.1016/j.lcsi.2012.03.002
- Engeström Y, Sannino A. Expansive learning on the move: Insights from ongoing research/El aprendizaje expansivo en movimiento: aportaciones de la investigación en curso. *Infancia y Aprendizaje.* 2016. 39(3):401-35. doi:10.1080/02103702.2016.1189119
- Engeström Y, Sannino A. The Change Laboratory as a research instrument: from methodology to methods and back. In: 35th EGOS Colloquium, Edinburgh, Scotland. Jul 4 –Jul 6, Forthcoming 2019.
- Engeström Y, Sannino A, Virkkunen J. On the methodological demands of formative interventions. *Mind Cult Act.* 2014. 21(2):118-28. doi:10.1080/10749039.2014.891868
- Greeno JG. Cultural-historical activity theory/design-based research in Pasteur’s quadrant. *J. Learn. Sci.* 2016. 25(4): 634-9. doi:10.1080/10508406.2016.1221718
- Kerosuo H. *Boundaries in action: an activity-theoretical study of development, learning and change in health care for patients with multiple and chronic illnesses.* Helsinki: Faculty of Behavioural Sciences, University of Helsinki; 2006.
- Lotz-Sisitka H, Mukute M, Chikunda C, Baloi A, Pesanayi T. Transgressing the norm: transformative agency in community-based learning for sustainability in southern African contexts. *Int Rev Educ.* 2017. 63(6):897-914. doi:10.1007/s11159-017-9689-3
- Penuel WR, Cole M, O’Neill DK. Introduction to the special issue. *J. Learn. Sci.* 2016. 25(4):487-96. doi:10.1080/10508406.2016.1215753
- Sannino A. The principle of double stimulation: a path to volitional action. *Learning, Culture and Social Interaction.* 2015. 6:1-15. doi:10.1016/j.lcsi.2015.01.001
- Sannino A. Researching work and learning for enacted utopias: the struggle to overcome homelessness. (Keynote Speaker) In: 10th International Conference on Researching Work and Learning; 2017 Dec 7th – 8th; Grahamstown, Rhodes University, South Africa; 2017.
- Sannino A, Engeström Y. Co-generation of societally impactful knowledge in Change Laboratories. *Manag Learn.* 2017. 48(1):80-96. doi:10.1177/1350507616671285
- Sannino A, Engeström Y, Lemos M. Formative interventions for expansive learning and transformative agency. *J. Learn. Sci.* 2016. 25(4):599-633. doi:10.1080/10508406.2016.1204547
- Scaratti G, Galuppo L, Gorli M, Gozzoli C, Ripamonti S. The social relevance and social impact of knowledge and knowing. *Manag Learn.* 2017. 48(1):57–64. doi:10.1177/1350507616680563
- Taylor JR. The communicative construction of community: authority and organizing. In: Sannino A, Daniels H, Gutiérrez KD, editors. *Learning and expanding with activity theory.* Cambridge: Cambridge University Press; 2009. p. 228-39.

Virkkunen J, Newnham DS. The change laboratory: a tool for collaborative development of work and education. Rotterdam: Sense Publishers; 2013.